

SINAIS DOS TEMPOS

T

/ SUPERSTIÇÕES, PROFANO E SAGRADO
/ UMA BÍBLIA, UMA ÚNICA VERDADE, DIFERENTES IGREJAS
/ UM MILHÃO DE TÊNIS FEITOS COM PLÁSTICO DO OCEANO

Mitos e a BÍBLIA



PUBLICADORA SERVIR
3º TRIMESTRE 2018
N. 146 / ANO 37 / €2,00





PUBLICADORA SERVIR
3º TRIMESTRE 2018
N. 146 / ANO 37

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**

DIRETOR DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **sinais@pservir.pt**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

DIRETOR **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almarginhosa do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA

Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA

Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM **15 000** exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**

PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**

ASSINATURA ANUAL **8,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Superstições, mitos, profano e sagrado

TEMÁTICA



04

Deus em todas as religiões *Na Cristandade, em geral, muitos pensam que as fés não-cristãs também são caminhos viáveis para Deus.*



08

A religião é sinónimo de mito, dogma e ignorância *Haverá uma religião autêntica, que defenda a verdade, a liberdade e a inteligência?*



13

Superstições, profano e sagrado *“A superstição é para a religião o que a astrologia é para a Astronomia, a filha louca de uma sábia mãe.”*



19

Uma Bíblia, uma única Verdade, diferentes Igrejas *A Bíblia como única norma de vida e de conduta.*



26

“Crer faz bem” *Benefícios do Cristianismo.*

29

NOTÍCIAS QUE FAZEM PENSAR

Mais plástico do que peixes no mar

30

Notícia Positiva *Um milhão de ténis feitos com plástico do Oceano.*

TEOLOGIA

31

O que disse Jesus sobre a data do Seu regresso? *Prepare-se para este glorioso evento!*

34

A BÍBLIA ENSINA
A Bíblia

Superstições, mitos, profano e sagrado



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

Ao longo dos tempos, os seres humanos têm acariciado mitos. Ainda hoje os mitos são numerosos. Têm sido colecionados em enciclopédias e noutras fontes. Eles “saltam” da *Internet* e encontram-se em publicações médicas, em tratados religiosos, em livros de História Geral e na vida quotidiana. O problema é que muitos destes mitos, lendas, superstições, crenças irracionais ou ilógicas têm mudado a vida de milhões de pessoas, produzindo efeitos negativos, provocando até a morte a inúmeras dessas pessoas, no decorrer dos anos.

A melhor solução para enfrentar superstições, lendas, mitos e crenças irracionais é adquirir conhecimento, sabedoria e desenvolver o discernimento. A falta de conhecimento predispõe para aceitar lendas e superstições mais facilmente; mas a pouca informação pode ser compensada, desenvolvendo-se hábitos corretos de pensar. Assim se obtém a sabedoria que se mede menos pelo nível de conhecimento geral e mais pela aptidão para discernir. Tudo isto requer decisão para não cair no engano e algum esforço, que será recompensado pela liberdade trazida pela Verdade.

Propomos alguns desafios neste número da *Sinais dos Tempos*. Porventura, o primeiro será entender que é um mito dizer que a religião é sinónimo de mito, de dogma e de ignorância. Outro desafio é descobrir que Deus não está em todas as religiões e perceber onde é que Ele, afinal, Se revela. Ainda outro é compreender a relação e a distinção entre superstições, profano e sagrado, assim como perceber a realidade das teofanias (revelações de Deus). Um desafio importante é começar a descobrir entre diferentes Igrejas aquela que releva a Bíblia em busca da única Verdade.

Entre notícias que fazem pensar e notícias positivas, damos também início a uma série de artigos que demonstrarão que *Crer Faz Bem*. O Leitor irá descobrindo as vantagens e os benefícios de desenvolver uma espiritualidade cristã fundada na Bíblia; benefícios de melhor saúde física e mental comprovados pelas evidências de estudos científicos. De igual modo, perceberá que o Cristianismo, em vez de ser “o ópio do povo”, oferece uma infinidade de benefícios para todos os que decidem confiar em Deus e seguir a Sua orientação. Como exortou o sábio rei Salomão: “*Confia no SENHOR de todo o teu coração: Não te fies na tua própria inteligência. (...) Respeita o SENHOR e afasta-te do mal. Isso será saúde para o teu corpo e vigor para os teus ossos*” (Provérbios 3:5-8).

Ao ler a *Sinais dos Tempos*, reconhecerá que *Crer Faz Bem*. Os nossos melhores votos! ▢

TEMÁTICA

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

DEUS EM TODAS AS RELIGIÕES



É evidente que as religiões não-cristãs afetam o chamado mundo cristão. Prova disso é que, na Cristandade em geral, muitos pensam que as fés não-cristãs são caminhos viáveis para Deus, que existem muitas estradas para a salvação e que o Cristianismo não é o único caminho. Além disso, alguns teólogos defendem que a revelação universal de Deus é encontrada na religião em geral ou na história das religiões.

Todavia, no passado, sempre se acreditou que a revelação de Deus tinha precedido a religião cristã. Porém, nas atuais circunstâncias de modernidade, a relação foi invertida – a religião precede a revelação, diz-se. O facto é que esta mudança foi um resultado do Iluminismo. Desta maneira, o princípio Protestante do primado da Escritura foi substituído pelo princípio do primado da religião. Alguns eruditos dizem que Deus opera através de todas as religiões. Os fatores sócio-culturais proporcionam que Deus encontre diferentes pessoas de modos diferentes. A ideia é que todas as religiões levam à verdade.

Além do Cristianismo, há um certo número de religiões no mundo que tem as

suas Escrituras próprias – Judaísmo, Islã, Budismo, Confucianismo, Taoísmo, Hinduísmo e Zoroastrismo. O grande problema com esta teoria de que todas as religiões levam à verdade é a polivalência confusa entre as diversas religiões, que evidencia uma multiplicidade de “verdades” conflitantes em vez de remeterem para uma única fonte no Deus da Verdade.

O historiador britânico Arnold Toynbee (1889-1975) acreditava que o Budismo, o Hinduísmo, o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo estão basicamente de acordo e que a salvação é para todos. Contudo, esta posição esquece a diferença fundamental existente entre o Cristianismo e estas religiões não-cristãs: *Deus busca os seres humanos, no Cristianismo; em vez de serem os seres humanos a procurarem os deuses, ou a tornarem-se deus, nas outras fés. No Cristianismo, a salvação é um dom, uma graça.* Em todas as outras religiões, a salvação tem de ser ganha ou merecida.

O uso da razão é importante no Cristianismo. Porém, não tem lugar no caminho para a iluminação nas religiões orien-



tais (Animismo, Budismo, Hinduísmo), nem faz sentido na teologia do “encontro como verdade”. Nas religiões orientais, somos confrontados com um panteísmo monístico (síntese entre o teísmo e o panteísmo); na teologia do encontro, enfrentamos um dualismo natureza/gracia. O ponto comum nestas duas cosmovisões é o tremendo falhanço em captar o facto de Deus dar aos seres humanos a liberdade para pensarem, escolherem e tomarem decisões.

A função da revelação universal ou geral (através da Natureza, da História e da vida humana) é dar a cada ser humano suficiente revelação de Deus para que ninguém tenha justificação ou desculpa para rejeitar Deus com base no local de nascimento, de residência ou na condição sócio-cultural. Contudo, desde o tempo de Descartes (1596-1650), os pensadores ocidentais têm separado visivelmente a Natureza e a História. Mas os escritores bíblicos não fazem distinção entre Natureza e História. O facto de Deus operar tanto na Natureza como na História protege a teologia de cair no panteísmo ou no panenteísmo, por um lado, e em processos

Além do Cristianismo, há um certo número de religiões no mundo que tem as suas Escrituras próprias – Judaísmo, Islamismo, Confucianismo, Taoísmo, Budismo, Hinduísmo e Zoroastrismo.

de pensamento viciados, ineficazes e inúteis, por outro lado.

Estes desvios da realidade e da verdade apresentam um “deus” que está limitado à Natureza. No panteísmo, Deus está identificado com a Natureza; no panenteísmo e nos processos viciados de pensamento, Ele está dependente da Natureza. Estes três modos de ver Deus falham em fazer justiça ao Deus da Bíblia como Criador, Provedor e Sustentador da Sua Criação. Não com-

O Deus Criador revelado na Bíblia é “a luz verdadeira; ele ilumina toda a gente ao vir a este mundo” (João 1:9).

“Com amor eterno eu te amei. Por isso, continuo a mostrar-te o meu amor” (Jeremias 31:3).

param as próprias teorias acerca de “deus” e da Natureza com Deus e com a História.

Exceto o Judaísmo, nenhuma religião não-cristã descreve um Deus pessoal que é transcendente e acima da Natureza, no Seu papel como Criador, e que é transcendente e acima da História, no Seu trabalho providencial. O melhor que sugerem é uma presença mística ou força que permeiam toda a Natureza e, por consequência, a história humana; uma força ou energia que podem ser controladas por meio de meditação e cantilenas monótonas; um “deus” sob o controlo da manipulação humana; finalmente, um “deus” que não é diferente de qualquer ser humano iluminado. Aqui “deus” é identificado com a Natureza, com a História e com a existência humana. Só que a diferença radical entre o Deus bíblico e o deus das outras religiões é que existe uma distinção qualitativa, absolutamente clara e bem definida, entre o Deus da Bíblia, por um lado, e a Natureza, a História e a existência humana, por outro. Deus relaciona-Se com estes três elementos como um Criador Se relaciona com a Sua Criação.

Todas as religiões não-cristãs se baseiam na pressuposição de que o devoto tem de ga-



nhar a sua possibilidade para o Céu, para o nirvana, para a iluminação ou para se tornar num mestre superior. Em contraste direto, só o Cristianismo bíblico oferece a salvação como uma dádiva através da aceitação, pela fé, da vida, da morte, da ressurreição e do ministério celestial de Jesus Cristo.

Neste contexto, Kierkegaard afirmou corretamente que há “uma distinção qualitativa infinita entre Deus e o Homem”. Contudo, esta distinção foi esquecida durante o século XIX, quando a cosmovisão evolucionista fez os seres humanos pensarem mais favoravelmente acerca de si mesmos do que anteriormente. Pareceu não haver limites para o assumido progresso humano. Se os homens continuassem a evoluir para a perfeição, parecia que seria inevitável que os seres humanos se tornassem deuses. No fundo, isto não é diferente da “divindade obtida” pelos crentes das religiões orientais e do movimento da Nova Era. Ambos partilham a cosmovisão evolucionista, a qual nega a queda dos seres humanos e a sua necessidade de redenção e de salvação.

O Deus que Se revela na Bíblia é o Deus da História que Se revela e que participa de forma ativa na história dos ho-



mens (Daniel 2:19-22, 27 e 28, 44; 4:17). Este Deus Criador está *acima* da História e, como tal, opera na História. Porque Ele é o Deus *acima* da Natureza, também opera *na* Natureza. É para este Deus da Bíblia que a revelação universal chama a atenção e não para uma deidade inerente dentro dos limites da Natureza e da História.

O Deus Criador revelado na Bíblia é “*a luz verdadeira; ele ilumina toda a gente ao vir a este mundo*” (João 1:9). No original grego, o verbo deste texto, traduzido por “*vir*” a este mundo, tem dois significados gramaticalmente corretos. O primeiro refere-se a Cristo, que veio como a “*Luz do mundo*”; o segundo pode também referir-se ao “*Espírito de Cristo*” que ilumina cada ser humano que vem a este mundo. Isto tem a ver com Incarnação e Iluminação – Deus vindo como um Homem ou a Sua vinda para todos os seres humanos. A ênfase posta em Cristo vir ao mundo como a sua luz remete para a Revelação Especial. A ênfase posta no Espírito de Cristo que ilumina todo aquele que vem ao mundo remete para a Revelação Geral.

Este é o Deus que Se revela a Si mesmo na Bíblia. *O Deus da Bíblia é o Deus da Esperança*. Ele é o Deus que procura o

Homem para o salvar e para o libertar da morte. Por isso, *a Bíblia é o Livro da Esperança*. Nela está revelado o Deus que, por definição, *é amor* (I João 4:8): “*Com amor eterno eu te amei. Por isso, continuo a mostrar-te o meu amor*” (Jeremias 31:3). Neste Deus pessoal, transcendente, embora perto de nós, podemos confiar, porque Ele já demonstrou na história humana o Seu infinito amor por nós.

Este Deus, sendo o Criador, tornou-Se criatura – humanizou-Se; morreu – substituiu-nos na morte eterna; ressuscitou – para garantir a nossa ressurreição; ascendeu ao Céu – para nos dar acesso a ele; no Santuário celestial intercede e julga a nossa causa – é o nosso Advogado e Juiz; regressará em breve para nos libertar deste mundo corrupto e caótico – virá como “*REI dos reis e SENHOR dos senhores*” e, como o próprio Jesus disse: “*para vos levar para junto de mim, de modo que estejam onde eu estiver*” (Apocalipse 19:16; João 14:3). ▢

NOTA: Para mais detalhes sobre o tema, consultar: Norman R. Gulley, *Systematic Theology – Prolegomena*, Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 2003, pp. 208-211.

TEMÁTICA



Florin Lăiu

Teólogo

Retirado de Signs

of the Times,

versão romena,

pp. 54-57.



O mito de todos os mitos: a religião é apenas uma coleção de mitos.

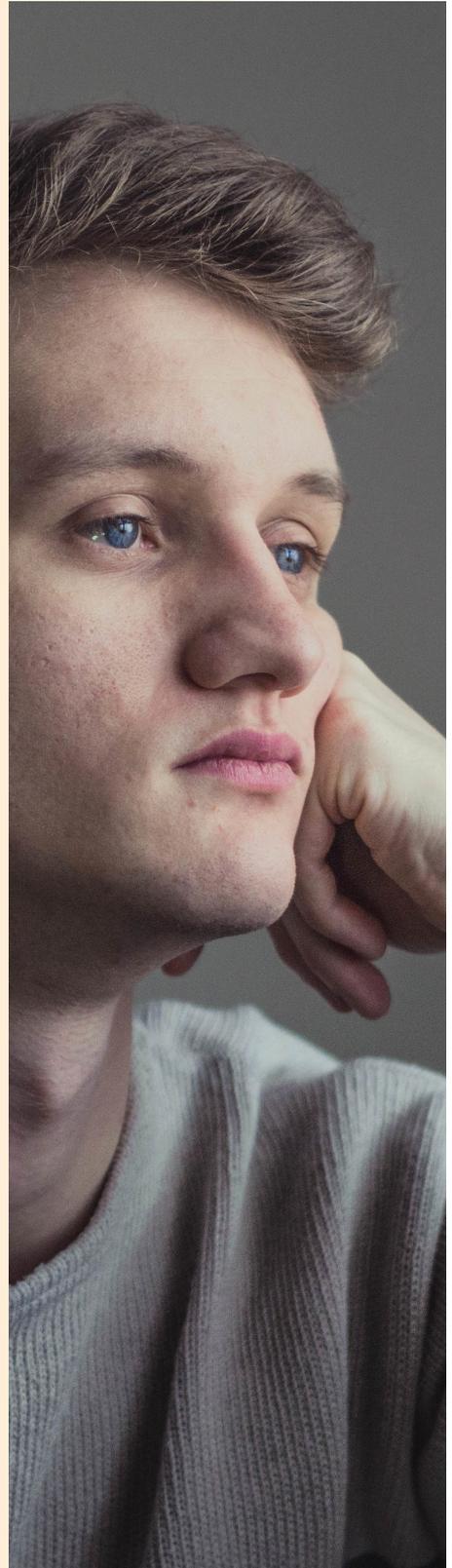
Muitos dizem que a religião é sinónimo de mentiras, dogma e ignorância. Este mito, de entre todos os mitos, está muito perto da verdade. Existe no mundo uma grande diversidade e divergência religiosas. Desde tempos imemoriais, vivemos com várias religiões, que têm diferentes interpretações doutrinárias, e com múltiplas denominações. Por muito diferentes que estas religiões possam ser, não podem ser todas verdadeiras. Mas, se há realmente uma religião autêntica, uma que defenda a verdade, a liberdade e a inteligência, então o mito de todos os mitos cai por terra.

A RELIGIÃO É SINÓNIMO DE MITO, DOGMA E IGNORÂNCIA

O MITO DE QUE AS ESCRITURAS SÃO MITOS

As religiões mundiais estão baseadas em tradições e em escrituras sagradas. Os *Vedas* (“Ciências”) do Hinduísmo são considerados como um texto que não é humano, nem divino – sempre existiu. Os *Daodejing* do Taoísmo chinês são os escritos de Confúcio sobre filosofia e moralidade. Pensa-se que os *Avesta* do Zoroastrismo persa são os escritos do profeta Zaratustra ou Zoroastro, embora haja algumas dúvidas sobre se será assim na realidade. Imagina-se também que o *Corão* do Islamismo já pré-existia no Céu e que foi ditado, palavra por palavra, no árabe mais puro, através de visões proféticas dadas ao profeta Maomé pelo anjo Gabriel. O texto sagrado do Judaísmo e do Cristianismo, a *Bíblia*, escrito ao longo de um período de mais de 1500 anos, é diferente dos outros textos sagrados das outras religiões no que diz respeito à sua certificação documentária e ao seu conteúdo filosófico, moral, histórico e literário. Os seus escritores – dezenas de pessoas, de diferentes grupos sociais e épocas – dizem repetidamente que Deus lhes falou. Mas Deus não ditou a mensagem. Em vez disso, os diferentes escritores usaram a linguagem humana para expressar a Palavra de Deus. Não há nenhuma versão da Bíblia pré-existente no Céu. A Bíblia revela uma aversão a mitos e lendas. Esta proibição está claramente indicada em I Timóteo 4:7: “*Rejeita os mitos profanos e tolos.*”¹ Em vez disso, a Bíblia valoriza a verdade histórica e menciona acontecimentos, lugares e pessoas reais, bem como os movimentos históricos que moldaram esses acontecimentos. Ao contrário de outros textos sagrados, que são

¹ Ver também: Jeremias 8:8 e 9; Zacarias 13:2 e 3; João 14:1 e 2, 23; I Coríntios 15:6; II Timóteo 3:13; 4:3 e 4; II Pedro 1:16-21.



mitológicos, não só no conteúdo, mas na forma, a Bíblia usa uma cronologia rigorosa ao explicar os eventos, quer eles sejam rotineiros ou extraordinários.²

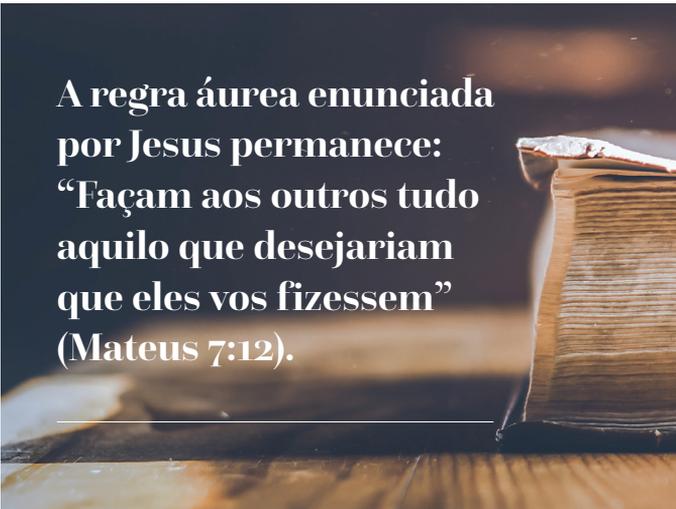
A Bíblia também contém conceitos filosóficos originais e incomparáveis. Ensina que Deus criou o homem e a mulher à imagem de Deus e fê-los governadores do mundo em Seu nome (Gênesis 1). Isto explica a origem das nações, ensinando que as nações do mundo provêm de tribos e clãs que são descendentes de uma só família – todos são irmãos (Gênesis 10).

Estas características do texto bíblico são apenas umas das poucas provas que apoiam a sua singularidade, meticulosidade e fiabilidade. Até mesmo os acontecimentos invulgares relatados nas Escrituras não são fábulas mitológicas, mas registos sensatos de acontecimentos reais. Alegar que a Bíblia contém mitos é em si mesmo um mito moderno.

MITO E VERDADE SOBRE OS DOGMAS

Um dogma é uma declaração fundamental de fé. Faz frequentemente parte de um credo, baseado em escritos sagrados, na tradição, nas decisões do clero ou em decretos imperiais. O termo é muitas vezes usado pejorativamente por crentes e descrentes, porque se refere a crenças que não podem ser testadas, questionadas ou justificadas racionalmente. Os crentes devem simplesmente aceitá-las como fazendo autoridade, sem alteração ou interpretação.

É verdade que ensinamentos religiosos podem ser dogmas. Os dogmas de algumas religiões estão baseados em tradições antigas, outros em revelações mais recentes que anulam os velhos dogmas e os substituem por novos. A questão das doutrinas inflexíveis herdadas existe tanto na fé judaica como na fé cristã. Jesus criticou frequentemente a religião onde os dogmas e as tradições dos homens passaram a ter mais importância do que as



A regra áurea enunciada por Jesus permanece: “Façam aos outros tudo aquilo que desejariam que eles vos fizessem” (Mateus 7:12).

Escrituras – a Palavra de Deus. Na realidade, de modo geral, os dogmas ostentam o sinal da autoridade humana. Eles dizem-nos exatamente aquilo em que devemos crer e como reagir: não se pode ser criativo, e, acima de tudo, não se tem de compreender.

No seio do Cristianismo, muitos não ousam tocar em determinados dogmas criados, como é o caso da virgindade eterna de Maria, da intercessão dos santos, da comunicação da graça e da salvação através dos sete sacramentos ou da adoração materialístico-mítica de imagens e relíquias. Os dogmas estão por todo o lado, até mesmo nas comunidades religiosas que são contra os dogmas históricos. De facto, a proibição que algumas religiões defendem em relação às transfusões de sangue está baseada na interpretação da decisão do primeiro sínodo apostólico, que proibiu o consumo do sangue de animais sacrificados, ou da sua carne, se esta tivesse sangue (Atos 15:20, 29; 21:25; Gênesis

² Até mesmo os eventos arcaicos do Pentateuco estão frequentemente datados (Gênesis 7:10-12, 17, 24; 8:3, 6, 13 e 14; 16:16; 17:1, 24 e 25; Êxodo 12:40-42, 51; 13:4, 10; 16:1; 19:1; 40:2; Números 11; 10:11; 13:22).



9:4). Qualquer inovação ou interpretação rígidas impostas como condição ou teste da verdadeira fé, sem aceitar uma reavaliação, é um dogma. E não faltam dogmas! Por outro lado, é razoável aceitar a autoridade dos mandamentos de Deus e das declarações fundamentais das *Escrituras*, se crermos que a *Bíblia* é a *Palavra de Deus*. As decisões da Igreja são legítimas desde que não substituam os mandamentos de Deus. Não se deve confundir dogmatismo com lealdade às *Escrituras* e aos mandamentos de Deus. Uma religião que trata a *Bíblia* simplesmente como livro religioso é uma religião criada pelo Homem. Os mandamentos de Deus não são um dogma, e têm mais autoridade e durabilidade do que todos os dogmas juntos. A *Bíblia* permite ao crente procurar a verdade por si mesmo, e não a subordina à comunidade de fé. Portanto, a ideia de que a religião não passa de um dogma é um mito, uma desculpa dogmatizada por aqueles que se opõem a qualquer investigação profunda.

O MITO DE QUE A RELIGIÃO É PARA OS “SIMPLÓRIOS”

Um dos objetivos da religião é ensinar tanto os ignorantes, como os cultos. A sa-

bedoria da *Bíblia* foi pensada “para dar aos simples discernimento e aos jovens experiência e reflexão”. E Salomão ainda acrescentou: “O sábio escuta-os e aumenta o seu saber e os inteligentes alcançam maior profundidade” (Provérbios 1:4 e 5).

É mais fácil convencer uma pessoa iletrada a crer em várias ideias, mesmo aquelas que roçam o bizarro, do que convencer alguém que é letrado. Por isso, alguns procuraram criar uma religião que deslumbra e distrai a “população”. Mas a verdadeira religião educa e esclarece. Fortalece a mente e prepara-a para enfrentar diferentes áreas do conhecimento, até mesmo o conhecimento relacionado com questões científicas e com os segredos do Universo.

Os eruditos do século XVI ao XIX eram predominantemente Cristãos. Copérnico (†1543) também era um clérigo. O matemático e físico John Napier (†1617) também era teólogo. O astrônomo Kepler (†1630) era um crente convicto. Blaise Pascal (†1662) é famoso pelo seu pensamento filosófico e pela sua espiritualidade. O anatomista e geólogo Nicolas Steno (†1686) era sacerdote. O químico Robert Boyle (†1691) era um crente devoto. Sir Isaac Newton (†1727) acreditava nas profecias bíblicas e escreveu comentários sobre elas. Michael Faraday (†1867), físico, químico e o maior erudito da sua geração, era pastor de uma pequena comunidade religiosa,³ e considerava os seus deveres pastorais mais nobres e importantes do que a sua carreira científica. O grande físico James Maxwell (†1879) adotou uma religião aos 22 anos. Ele acreditava que retirar conclusões teológicas a partir da Ciência era ilegítimo e perigoso.

³ Glassitas, ou Sandemanianos, uma comunidade Protestante escocesa; ver <http://en.wikipedia.org/wiki/Sandemanian>.

Gregor Mendel (†1884), o pai da genética, era monge. O grande biólogo Louis Pasteur (†1895) acreditava que a Ciência e a religião não deviam aproveitar-se uma da outra. Lord Kelvin (†1907) via uma relação direta entre as suas descobertas e a sua teologia. Ele tirou conclusões sobre o princípio universal da entropia, ao citar o Salmo 102:25-27.

O grande inventor Thomas Edison (†1931) disse: “Alguns na oficina do Deus Todo-Poderoso há crescimento intenso de bosques, com fibras quase geometricamente paralelas, praticamente sem medula, a partir das quais podemos fazer o filamento de que o mundo precisa.”⁴ A descoberta das ondas de rádio de Guglielmo Marconi (†1937) foi estimulada pela sua crença de que Deus ouve as nossas orações. Embora possamos não concordar com o seu raciocínio, temos de reconhecer que a religião inspirou a sua criatividade científica.

James Irwin (†1991), membro da tripulação da *Apollo 15*, professava a fé batista. Nas suas conferências internacionais, ele dizia que o maior de todos os milagres não era que o Homem tivesse andado na Lua, mas que Deus, através de Cristo, tinha andado na Terra. Arthur Schawlow (†1999), galardoado com o Prémio Nobel (espectroscopia a laser) afirmou: “Sinto a necessidade de Deus no Universo e na minha própria vida.”⁵

Robert Jastrow (†2008), diretor do Instituto de Pesquisa de Estudos Espaciais Goddard, escreveu: “A busca que os cientistas fazem ao passado termina no momento da Criação. (...) A barreira para novos avanços parece intransponível. Não é uma questão de mais um ano, de outra década de trabalho, de outra medição ou de outra teoria; neste momento, parece que a Ciência nunca será capaz de levantar o véu do mistério da Criação. Para o cientista que viveu pela sua fé no poder

da razão, a História acaba como um sonho mau. Ele escalou as montanhas da ignorância; está prestes a conquistar o pico mais elevado; quando chega à última rocha, é recebido por um grupo de teólogos que já lá estão sentados há séculos.”⁶

O físico e matemático John Polkinghorne (n. 1930) é um sacerdote e teólogo anglicano. Arno Penzias (n. 1933), outro galardoado com o Prémio Nobel, afirma: “A Astronomia leva-nos a um evento único, um Universo que foi criado a partir do nada e delicadamente equilibrado de forma a proporcionar as condições exatas necessárias para manter a vida. Na ausência de um acidente absurdamente improvável, as observações da Ciência moderna parecem sugerir um plano subjacente, e até podemos dizer, sobrenatural.”⁷

A religião encontrada na *Bíblia* e ensinada por Cristo trouxe fé, esperança e amor a este mundo. Conhecimento e Ciência, verdadeiramente compreendidos, reconhecem que há um equilíbrio entre o raciocínio humano e a revelação divina. Reconhece também o poder da fé e do estudo da *Bíblia* para desvendar mistérios e revelar verdades sobre o nosso mundo. Portanto, a crença de que a aceitação da religião acaba em ignorância é um mito para os ignorantes. □

4 Robert E. D. Clark, *Science & Christianity – A Partnership*, Nampa, Id: Pacific Press, 1972, p. 51.

5 Henry Margenau, *Cosmos, Bios, Theos: Scientists Reflect on Science, God, and the Origins of the Universe, Life and Homo Sapiens*, Chicago, Ill: Open Court Publishing Company, 1992, p. 105, co-editado com Roy Abraham Varghese. Este livro é mencionado num artigo da revista *Time*, de 28 de dezembro de 1992: “Galileo and Other Faithful Scientists”.

6 Robert Jastrow, *God and the Astronomers*, New York, W. W. Norton & Company, Inc. 1978, pp. 115 e 116.

7 *Idem*, p. 83.

TEMÁTICA

SUPERSTIÇÕES, PROFANO E SAGRADO



Ezequiel Quintino
Teólogo

**O significado de
“religião” – *religio*
(latim) vem de *re-ligare*,
“ligar de novo”.**

“A superstição é para a religião o que a astrologia é para a Astronomia, a filha louca de uma sábia mãe”, afirmou o escritor e filósofo Voltaire (1694-1778). Muito antes do século XVIII, já o bispo de Hipona, Agostinho (354-430), tinha também refletido sobre o mesmo tema. O que ele escreveu sobre superstições marcou toda a tradição da Igreja romana medieval até Tomás de Aquino, no século XIII, e mesmo depois: “É supersticioso o que é instituído pelos homens para fazer ídolos e os venerar ou dirigir um culto a uma criatura

ou a qualquer parte de uma criatura como se se tratasse de Deus, ou para consultar os demónios, concluir ou selar através de certos pactos uma comunicação com eles, como tentam fazer as artes mágicas.”¹

*No seio do Cristianismo, as superstições eram vistas como continuidade e sobrevivências do paganismo, que é sinónimo de idolatria ou politeísmo (segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). No dizer do apologista cristão Lactância (250-325): “A religião é o culto do verdadeiro Deus, a superstição, do falso.” Aqui, convém lembrar a etimologia e o significado de “religião” – *religio* (latim) vem de *re-ligare*, “ligar de novo”. A religião é uma ligação pessoal que *ob-liga* o Cristão perante Deus. A “su-*

¹ De *Doctrina Christiana*, 11, 20, citado em Jean-Claude Schmitt, *História das Superstições*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997, p. 25.

A “superstição” – *superstitio* (latim) – é uma forma pervertida da *religio* – “religião”.

perstição” – *superstitio* (latim) – é uma forma pervertida da *religio* – “religião”.²

Sem entrar em detalhe na história das superstições, convém todavia relevar a existência de um combate secular da parte dos Cristãos contra as muitas superstições. Infelizmente, também se percebe por parte dos clérigos da Igreja de Roma as cedências, os compromissos e até as não poucas tentativas de cristianização de superstições outrora combatidas. Apenas um exemplo: o culto dos mortos.

Entre 1024 e 1033, os monges Beneditinos de Cluny instituíram a Festa dos Mortos, fixada a 2 de novembro, o dia seguinte à Festa de Todos os Santos. “Esta celebração impôs-se muito rapidamente em toda a Cristandade. Tornou-se no ponto forte da comemoração litúrgica dos mortos, extremamente importante nos mosteiros; também para os laicos, com a instituição regular das missas ditas pelos defuntos, esta comemoração impôs-se como um traço central da vida religiosa. Na segunda metade do século XII, as crenças relativas às penas purgatórias e, depois, a crença do purgatório como lugar específico do Além, integraram-se plenamente neste contexto litúrgico. A crença nos fantasmas encontrou igualmente um renovado interesse e uma legitimidade que perdera nos primeiros séculos do Cristianismo: os mortos que sofrem no Além podiam muito legitimamente voltar para suplicarem aos familiares que rezassem por eles, que mandassem dizer missas, que fizessem oferendas, a fim de aliviar e abre-

viar as suas provações no purgatório. Não é por acaso, portanto, que as narrativas de aparições individuais de almas do outro mundo se multiplicam a partir do século XII na Literatura, narrativas de milagres.”³

A palavra “superstição” continua no nosso vocabulário. Ainda hoje, no século XXI, se consideram “supersticiosas” as pessoas que parecem estabelecer uma relação de causalidade entre um ato ou um facto julgados significativos (sal que se entorna, espelho que se parte, 13 convidados à mesa, guarda-chuva aberto dentro de casa, etc.) e um acontecimento, geralmente situado no futuro, que se espera ou que se receia e se deseja afastar. Estas crenças ou noções sem base na razão ou no conhecimento, que levam a criar falsas obrigações, a recear coisas inofensivas, a depositar confiança em coisas absurdas, sem nenhuma relação racional entre os factos e as supostas causas com eles relacionadas, podem coexistir, na mesma sociedade ou até na mesma pessoa, com uma abordagem científica e técnica dos fenómenos: pode “bater-se na madeira” antes de entrar num avião, apesar de se saber que ele voará conforme as leis da aerodinâmica.

Na realidade, as “superstições” são, ainda hoje, em geral, toleradas. Nos célticos suscitam um sorriso irónico e noutros uma curiosidade prudente. Apesar das múltiplas mudanças que se foram efetuando em todas as áreas, no correr do tempo, na sociedade humana, o medo dos presságios continua a ser universal.

O PROFANO E O SAGRADO

A primeira definição simples de “sagrado” é que ele se opõe ao profano. De acordo

² Ver Op. cit. in J.-C. Schmitt, *História das Superstições*, pp. 16 e 17.

³ J.-C. Schmitt, *História das Superstições*, pp. 133 e 134.

com o *Dicionário Houaiss*, diz-se “sagrado” o que é relativo ou inerente a Deus, a uma divindade, à religião, ao culto ou aos ritos. Já “profano” é o que não pertence ao âmbito do sagrado, que é estranho e não pertence à religião, que não é religioso e não tem finalidade religiosa, que é leigo, temporal, secular, mundano. “Profano” diz-se também do que deturpa ou viola a santidade de coisas sagradas.

O reconhecido cientista das religiões, professor, filósofo, mitólogo e romancista romeno Mircea Eliade (1907-1986) afirma: “O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades ditas ‘naturais’. (...) O Homem toma conhecimento do sagrado porque este se *manifesta*, se mostra como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano.”⁴

Ele propõe o termo *hierofania*, que apenas expressa o que está implicado no seu conteúdo etimológico, ou seja, que “*algo de sagrado se nos mostra*”. A história das religiões, das mais primitivas às mais elaboradas, é constituída por um elevado número de hierofanias, pelas manifestações de realidades sagradas. Por exemplo, a partir da mais elementar hierofania, a manifestação do sagrado num qualquer objeto (uma pedra ou uma árvore), até à hierofania suprema, que é, para um Cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Como diz Mircea Eliade: “Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’. (...) Nunca será de mais insistir no paradoxo que toda a hierofania constitui, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se noutra coisa, e, contudo, continua a ser ele mesmo, por que

A primeira definição simples de “sagrado” é que ele se opõe ao profano.

continua a participar do seu meio cósmico envolvente.”⁵

Basicamente, existem duas maneiras de ser no mundo e de ver o mundo. Um enorme precipício separa estas duas experiências, a oposição sagrado/profano. O Homem atual e a-religioso vê e sente a própria vida humana, a Natureza, o tempo, a casa, os utensílios ou o trabalho como naturais e adquiridos numa existência “profana”, isto é, sem pressuposição religiosa; por exemplo, um ato fisiológico (a alimentação ou a sexualidade) é apenas um fenómeno orgânico banal. Mas, para aquele que tem uma experiência religiosa, um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode, tornar-se numa bênção ou numa comunhão com o sagrado. Porém, o Homem religioso deve estar sempre atento para não cair na idolatria, nem por pensamento nem por prática, fabricando ídolos.

TEOFANIAS

A palavra *teofania* deriva do grego que significa “*aparição, manifestação ou revelação de Deus*”. A história das religiões mostra que, para o Homem religioso, *o espaço não é homogêneo*. Apresenta ruturas e quebras. Há porções de espaço qualitativamente diferentes de outras. Esta preocupação com as coisas do espaço afeta, até hoje, todas as atividades do ser humano. As religiões

4 *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*, Lisboa: Edição «Livros do Brasil», pp. 24 e 25.

5 *Op. cit.*, pp. 25 e 26.

são, com frequência, dominadas pela noção de que a Divindade reside no espaço, em locais particulares como montanhas, florestas, árvores ou pedras, os quais são considerados como lugares sagrados.

A Bíblia está mais interessada no tempo do que no espaço. Analisa o mundo na dimensão do tempo. Por isso, o Judaísmo e o Cristianismo bíblico estão mais preocupados com História do que com Geografia. Para ilustrar, veremos a seguir dois exemplos bíblicos paradigmáticos: Jacob e Moisés.

JACOB

Jacob saiu de Berseba e pôs-se a caminho de Harã. Ao cair da tarde, chegou a um lugar bom para passar a noite. Pegou numa das pedras que ali havia; pô-la a fazer de cabeceira e ali mesmo se deitou para dormir. E teve um sonho: viu uma escada assente na terra e que chegava até ao céu e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. O SENHOR estava no cimo da escada e disse: 'Eu Sou o SENHOR, Deus

do teu pai Abraão e de Isaac. Vou dar-te, a ti e aos teus descendentes, a terra em que estás deitado. (...) Lembra-te que eu estou contigo, para te guardar por onde quer que andes e para te fazer regressar a esta terra. Não te hei de abandonar até cumprir tudo aquilo que te prometi.' Jacob acordou e exclamou: *'Realmente, o SENHOR está neste lugar e eu não sabia.'* E, cheio de medo acrescentou: *'Este lugar é terrível! É Betel, a Casa de Deus, e a porta dos céus.'* Logo de manhã, Jacob agarrou na pedra que lhe tinha servido de cabeceira para dormir e erigiu-a como monumento e derramou azeite sobre ela” (Gênesis 28:10-19).

O local exato onde esta manifestação divina teve lugar ficou desconhecido. Também a pedra, que serviu de almofada e depois foi erguida como memorial do evento vivido por Jacob, ficou ignorada. Segundo a revelação bíblica, os locais onde Deus aparece, Se manifesta ou Se revela são sagrados enquanto dura essa teofania, essa manifestação divina. É que Deus proíbe a idolatria (Êxodo 20:3-6; Levítico 19:4; 26:1; Deuteronómio 5:8; 16:21 e 22; Apocalipse 21:8; 22:15), porque não quer que os homens blasfemem da Divindade e se degradem com falsos deuses de invenção e de fabrico humanos, ficando apegados apenas ao que é material.

O importante é o significado do evento. Neste sonho foi apresentada a Jacob uma visão esquemática do Plano da Redenção. A escada mística era a mesma a que Jesus Se referiu na conversa com Natanael: *“Hão de ver o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do homem”* (João 1:51). Sempre tinha havido livre comunicação entre Deus e o ser humano até ao momento da rutura da relação. A transgressão de Adão e Eva separou a Terra do Céu. Porém, o Homem não foi deixado sem esperança. A escada representa Jesus, o meio designado para a comunicação. Com os Seus próprios méritos, Cristo estabele-

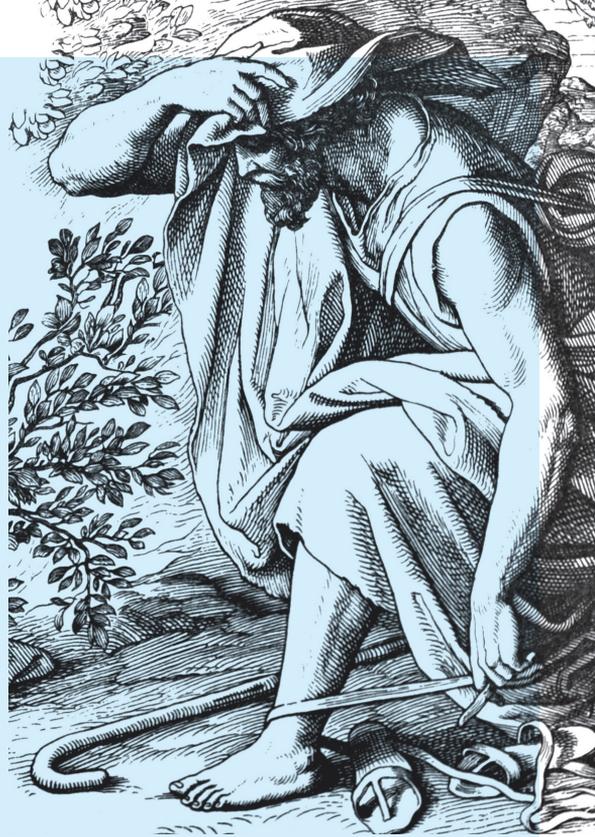


ceu uma passagem através do abismo que o pecado criou. Desta maneira, os anjos de Deus podiam socorrer e apoiar os seres humanos sob a direção de Deus. Jacob, afinal, não estava só, nem desamparado.

MOISÉS

“Um dia em que Moisés apascentava o rebanho (...) levou o gado através do deserto, até chegar ao Horebe, o monte de Deus. Ali apareceu-lhe o SENHOR numa labareda de fogo, no meio duma sarça. Moisés viu que a sarça estava a arder sem se consumir (...). Quando o SENHOR viu que Moisés se aproximava para observar, chamou-o do meio da sarça: ‘Moisés! Moisés!’ E ele respondeu: ‘Aqui estou.’ Deus disse-lhe: ‘Não te aproximes e descalça-te, porque o lugar onde estás é terra sagrada’” (Êxodo 3:1-5).

Um arbusto que arde continuamente sem se consumir é um fenómeno único. Moisés testemunhou e espantou-se. Ao aproximar-se para ver melhor, foi-lhe dito para descalçar as sandálias empoeiradas, porque o local estava santificado pela presença de Deus. A lição óbvia para todos os que vão à presença do Criador é que devem caracterizar o próprio comportamento pela humildade e pela reverência. A sarça não foi identificada e hoje já não existe. O Monte Horebe, ou Sinai (Êxodo 19:11; Deuteronomio 4:10), ainda lá está, hoje, no Sul da Península entre o Egito e Israel, mas não há qualquer certeza sobre a identificação do local. Existem, pelo menos, três hipóteses: *Jebel Musa*, o Monte de Moisés; *Ras es-Safsaf*, que domina o Deserto do Sinai; e *Jebel Serbal*, considerado como o verdadeiro Sinai, segundo a mais antiga tradição. Em qual destes três montes falou Deus a Moisés e lhe deu a Lei? Não sabemos! *O local geográfico não é o mais importante. O que tem valor é o facto de Deus Se ter revelado, o que Ele revelou e as implicações para o quotidiano humano.*



Quando lemos a Bíblia, percebemos que Deus evita que os homens fixem as datas e os locais das teofanias. Ele quer prevenir que o ser humano, já com a tendência de adorar o que é palpável e concreto no espaço, se deixe seduzir e caia na idolatria, adorando o objeto em vez de adorar o Criador. De entre todas as literaturas religiosas ressalta a originalidade mais profunda da Bíblia. *O Deus da Bíblia é, acima de tudo, o Deus da História. Deus revela-Se no tempo da História.* O tempo é o coração da existência, é vida, tem um significado para a vida. A Bíblia percebe o caráter diversificado do tempo – *“há tempo para tudo”* (Eclesiastes 3:1-8). Não há duas horas iguais; cada hora é única, e apenas é dada no momento, que é exclusivo e infinitamente precioso. A Bíblia ensina-nos a estarmos vinculados à *santidade do tempo* e a eventos sagrados. *Quando a História começou, havia apenas uma*

santidade no mundo, a santidade do tempo. O tempo foi abençoado e santificado por Deus (Gênesis 2:1-3). Em contraste, na civilização tecnológica, gastamos tempo para ganhar espaço. Mas o poder que se obtém no mundo do espaço termina abruptamente na fronteira do tempo. Existe um perigo: quando ganhamos poder no reino do espaço (ter e obter), perdemos todas as aspirações no domínio do tempo. A vida irá mal quando o controlo do espaço, a aquisição das coisas do espaço, se tornam na nossa única preocupação.⁶

A história das religiões mostra que as *hierofanias* das divindades dos vários povos estão associadas com lugares ou com objetos, tudo sempre ligado ao espaço. Ao contrário, o Judaísmo e o Cristianismo bí-

blico, com base no texto sagrado, promovem uma *religião do tempo* com o propósito da *santificação do tempo*. O Deus da Bíblia é diferente. É o Deus dos eventos, que Se manifesta, Ele próprio, nos eventos da História, em vez de em coisas ou lugares. É o Redentor da escravidão, o Revelador da Torá (“Lei”), o Cristo (Messias-Salvador), o “REI dos reis e SENHOR dos senhores” (Apocalipse 19:16), que virá para libertar todos os que O aceitam, O amam e Lhe obedecem, para viverem no *tempo da eternidade* (Eclesiastes 3:11; Apocalipse 21:1-7). ▢

⁶ Ver Abraham Joshua Heschel, *The Sabbath – Its Meaning for Modern Man*, New York: Farrar, Straus and Giroux, 1985, pp. 3-10.





TEMÁTICA

UMA BÍBLIA, UMA ÚNICA VERDADE, DIFERENTES IGREJAS

≈

Ilídio Carvalho

Pastor

O nosso século conhece uma multiplicidade de movimentos religiosos, os quais formam *de per se* uma comunidade religiosa local a que se chama Igreja. Mas será que se compreende o que significa ser “igreja” ou a razão da sua existência – este local onde múltiplas pessoas se encontram para adorar e prestar culto à entidade superior chamada Deus? Será analisado neste breve trabalho, ainda que superficialmente: 1 – A Igreja; 2 – A Norma pela qual se rege; 3 – A Igreja de hoje que afirma viver e ensinar essa Norma.

1 – A IGREJA

É necessário compreender o significado etimológico de *Igreja*. A palavra *Igreja* deriva da língua grega (*Ekklesia*) e é composta por um prefixo (*Ek*), que significa “de fora”, e por um radical, o verbo *Kaleô*,

Igreja: um local onde acontece um ajuntamento dos que são chamados de fora para dentro.

cujo significado é “chamar, convocar”.¹ Fazendo a junção dos dois elementos para a formação da palavra grega *Ekklesia*, obtemos o seu significado global: *um local onde acontece um ajuntamento dos que são chamados de fora para dentro.*²

Assim sendo, a Igreja é a consequência de um convite a alguém de fora para se juntar a um grupo, num determinado lugar, para ser testemunha auricular e ocular de algo ou de uma notícia que ali será proclamada por quem de direito. Pergunta-se, então, o que há para proclamar de tão importante nesse lugar específico? A resposta é simples – a Palavra de Deus, a Bíblia, as Sagradas Escrituras.

2 – A NORMA

Nos primórdios da Igreja, homens e mulheres do povo, apesar de serem Judeus, foram perseguidos pelos seus compatriotas porque seguiam e viviam uma espiritualidade diferente da que era ensinada na sinagoga (a “igreja” judaica), um ensino pleno de tradições humanas, rabínicas. Já dissera Jesus: “*E assim invalidais, pela vossa tradição, o mandamento de Deus. (...) Mas é em vão que eles me adoram, ensinando doutrinas que não passam de regras feitas pelos homens*” (Mateus 15:6-9; cf. 23:3, 27 e 28).

Os que se desviaram das doutrinas de cariz judaico eram inicialmente conhecidos e apelidados de “*os do Caminho*” (Atos dos Apóstolos 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:5, 14; 28:22). Qual a razão de tal apelido? A Bíblia revela-o claramente. Foi o próprio Senhor Jesus que afirmou, sem quaisquer reservas, que Ele e só Ele é “*o Caminho*” que

conduz ao Pai, isto é, a Deus: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim*” (João 14:6, sublinhado nosso). Aqui, Jesus afirma perentoriamente o seguinte: a) Que Ele é “*O Caminho*” e não um caminho entre outros; b) Que Ele é “*A Verdade*”, ou seja, que não existe outra verdade a não ser a d’Ele, que é, no fundo, Ele mesmo; c) Que Ele é “*A Vida*”. E que outra vida o ser humano encontrará fora d’Ele? d) Finalmente, Jesus disse que ninguém poderia ir até Deus através da intercessão de um qualquer mediador (Maria, os santos, ou outrem), mas unicamente através d’Ele e só d’Ele: “*Esta é a vontade de Deus, nosso Salvador. Ele quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. É que há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, que é homem e deu a vida por todos*” (I Timóteo 2:3-5). Esses crentes e discípulos seguidores “*d’O Caminho*”, isto é, de Jesus Cristo, devido à sua coerência e fidelidade, passaram a ser apelidados “*Cristãos*”: “*Em Antioquia foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos*” (Atos dos Apóstolos 11:26).

A exemplo do passado, seria expectável que hoje, passados mais de vinte séculos, os Cristãos continuassem fiéis ao *Caminho* por lerem e ouvirem a mesma Palavra inspirada, a Bíblia. Porém, qual é a realidade que hoje se verifica no mundo religioso denominado cristão? Uma proliferação de Igrejas ditas cristãs, mas com diferentes nomes. Quando se fala de Cristianismo, será que todas as Igrejas ditas cristãs aceitam como padrão único a revelação das Sagradas Escrituras, a Bíblia, aquela que é a única Norma de fé? A de-

¹ Isidro Pereira, S. J., *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, 5ª ed., Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976, pp. 171, 291.

² Cf. Alfredo Kuen, *Je bâtirai mon église*, Suisse: Emmaus, 1967, pp. 41-44.

O que há para proclamar de tão importante na Igreja? A resposta é simples – a Palavra de Deus, a Bíblia, as Sagradas Escrituras.

dução óbvia é que, assim como proliferam Igrejas com diferentes nomes, de igual modo existem e são proclamados diversos “caminhos” e “verdades”, que, diz-se, conduzem à Verdade e à Vida!

Já cerca do ano 60, o apóstolo Paulo alertava a comunidade de Corinto: “*Porque se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado (...)*” (II Coríntios 11:4, sublinhado nosso). A julgar pelas palavras do apóstolo, parece que se pregava acerca de um outro Jesus. Outra admoestação similar é feita aos crentes da província da Galácia: “*Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema [excomungado]*” (Gálatas 1:8 e 9, sublinhado nosso). Ou ainda, em reforço do que ensinou, admoestava: “*Porque não somos como muitos, falsificadores da palavra de Deus (...)*” (II Coríntios 2:17).

O que significa tudo isto? É muito simples. O verdadeiro Cristianismo baseia-se numa única perspectiva – a escriturística –, num “*está escrito*” ou num “*assim diz o Senhor*”. O próprio Jesus Cristo seguiu sempre este mesmo princípio em todos os Seus ensinamentos ao confrontar-se com doutrinas resultantes de tradições meramente humanas, dizendo: “*Está escrito*” (Lucas 4:4).

Na realidade, existem diversas ideias e diversos conceitos acerca do Cristianismo. Para uns, é uma religião, um caminho para se relacionarem com Deus; para outros, é mais uma religião entre outras igualmen-

te válidas; para outros ainda, é uma religião monoteísta, tal como a judaica ou a muçulmana; finalmente (de forma mais cética ou ateia), alguns poderão dizer que o Cristianismo é uma das muitas religiões desnecessárias e prejudiciais à sociedade, visto que, em nome dele, destruíram-se cidades, morreu muita gente e justificou-se o injustificável. Esta é a faceta de uma Cristandade que, ao pretender ser a única fiel depositária e guardiã da Verdade, alimentou e fomentou ao longo dos séculos, através da sua postura, um quadro negativo desviando-se da Norma, a Palavra de Deus.

3 – A IGREJA DE HOJE

O que se vai dizendo e ensinando em certos círculos ditos cristãos? Por exemplo, frases como: “A Bíblia contém, mas não é a Palavra de Deus.” Pergunta-se: a quem se deve dar crédito? À Igreja constituída por seres humanos falíveis e às suas teorias ou à Bíblia infalível, inspirada e revelada por Deus para toda a Humanidade? Este é o dilema.

Para alguns teólogos, as Sagradas Escrituras contêm muitos mitos, lendas, erros e contradições. Parafraseando um conhecido sacerdote,³ paira no ar que nenhuma pessoa cultivada e honesta pode afirmar a total inspiração da Bíblia. A Ciência moderna anula esta ingénuas pretensão. Tudo é a refazer, rever, repensar, diz-se – “A Escritura é um texto a interpretar”.⁴

Na realidade, em quem ou no que confiar? Nos teólogos e nas suas diferentes teorias? Nas confissões religiosas que, ao longo da História, integrando tradições e culturas humanas na doutrina cristã, se mostraram falíveis e infiéis ao se desviarem do “*Caminho*”? É evidente que se deve confiar no fidedigno ensino das

³ Cf. Joaquim Carreira das Neves, OFM, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, Lisboa: Verbo, 1998, pp. 27, 117.

⁴ *Idem*, p. 19.

Sagradas Escrituras. “A Bíblia não cessa de afirmar que ela *é a Palavra de Deus*. O Antigo Testamento repete-o cerca de 3080 vezes, usando expressões sinónimas como: “*O Senhor diz*”, “*Assim fala o Senhor*” ou ainda “*A Palavra do Senhor me foi dirigida por estas palavras*”.⁵

Para que fique claro, pergunta-se ainda: a quem devemos dar prioridade? Às diferentes Igrejas ditas cristãs ou às Sagradas Escrituras? Segundo pensa e proclama a Igreja tradicional, a autoridade das Sagradas Escrituras está fundada sob a da Igreja, pois, tal como é dito: “... de Jesus, que nada escreveu nem mandou escrever. Apenas pregou e mandou pregar. Nem os apóstolos e discípulos andavam de papel e caneta na mão para escreverem o que Ele dizia e fazia. Só muito mais tarde é que as tradições sobre os feitos e a doutrina de Jesus foram postas por escrito (...).”⁶ Portanto, o que Jesus, os discípulos e apóstolos disseram, a autoridade da Tradição deu a conhecer, por escrito, tais feitos e palavras anteriormente produzidos pelos diferentes intervenientes. Sob esta forma simplista de ver e analisar os factos, a Igreja, dizem, é a verdadeira coluna mestra das Escrituras. Isto é, não só lhes dá autoridade como, segundo parece, lhes é anterior!

Vejamos agora, numa breve análise, contrariamente ao que é afirmado, a prioridade e autoridade soberanas da Bíblia, as Sagradas Escrituras, sobre toda e qualquer confissão religiosa: a) *Não foi a Igreja que produziu o Antigo Testamento*; ao contrário, este é que se tornou conhecido devido à mensagem de Deus revelada, nesse mesmo Antigo Testamento, que os apóstolos pre-

⁵ René Pache, *L'Inspiration et l'Autorité de la Bible*, 2^a ed., Suisse: Emmaus, 1967, p. 60.

⁶ Joaquim Carreira das Neves, *Op. cit.*, p. 15.



gavam por todo o lado: “Porque ao receberem a nossa palavra, foi a mensagem de Deus que receberam. Pois não era simplesmente palavra de homens, mas era verdadeira Palavra de Deus, aquela mesma que atua também em vós, os crentes” (I Tessalonicenses 2:13). Quanto ao Novo Testamento, uma boa parte dele estabelece como é que a vida de uma confissão religiosa deverá ser regularizada e mantida. É a autoridade das Sagradas Escrituras que estabelece como qualquer confissão religiosa deverá viver e ensinar, nunca o contrário!

b) Diz-se que a Igreja, ao formar o Cânone, tem autoridade sobre as Sagradas Escrituras. A Igreja, como já foi referido, convenceu-se primeiro da autenticidade e autoridade que emanava da própria evidência dos Escritos bíblicos que circulavam; depois limitou-se a defendê-los e a fazê-los aplicar, nada mais! Em conclusão, a verdadeira Igreja é: a) Não a coluna mestra, mas a serva da Sagrada Escritura; b) Não a mãe, mas a filha desta; c) Não a autora, mas aquela que a lê e, em dependência humilde, a interpreta fielmente; d) Finalmente, não a juíza, mas a testemunha e a defensora do texto sagrado.

4 – PODEMOS CONFIAR NO TEXTO BÍBLICO?

Já em 1835, na introdução à sua famosa *Vida de Jesus examinada criticamente*, D. F. Strauss, escreveu: “A história evangélica seria aceitável, se se provasse que tinha sido escrita por testemunhas oculares ou, pelo menos, por autores próximos dos acontecimentos.”⁷ Esta atitude é unilateral, em relação ao testemunho bíblico, pois o que ali é narrado é posto em causa. Então, o que dizer quanto às outras áreas do saber? O mesmo autor continua: “Se a suspeita é justificada, pelo mesmo motivo deviam suspeitar dos dados biográficos de Sócrates, transmitidos pelos seus discípulos Xenofonte e Platão, ou da veracidade das

façanhas de César, narradas por ele mesmo, pois são informações que provêm de testemunhas parciais. Mas nenhum estudioso sério questiona o valor destas fontes para a reconstrução desses factos históricos.”⁸

Note-se o caso de Alexandre Magno: “Até mesmo as mais conhecidas fontes históricas de Alexandre Magno são baseadas em documentos bastante tardios. Não há registos do quarto século a.C. que confirmem a sua presença ou do seu exército na Índia ou, sequer, mencionem a sua existência e os seus feitos. As mais antigas fontes sobre a vida de Alexandre que conhecemos datam de 300 a 800 anos depois da sua morte. (...) Porque, então, dizer que Alexandre é histórico e Abraão é um mito?”⁹

A este propósito é bastante revelador o quadro que se apresenta no fim deste artigo, para se perceber quão injustas e falaciosas são as acusações invocadas contra a veracidade do texto bíblico (traduções/cópias). O quadro mostra claramente a discrepância de cópias dos feitos ou escritos dos heróis do passado que chegaram até nós, comparativamente com as da Bíblia Sagrada.¹⁰

Segundo este quadro comparativo pode ver-se, claramente, a discrepância quanto às cópias existentes, entre as do Novo Testamento – mais de 5300 – e as da segunda obra mais autenticada do mundo, a *Iliada* de Homero – com apenas 643 cópias. Na verdade, quão frágil e incoerente, por vezes, é o raciocínio humano!

CONCLUSÃO

O Cristianismo bíblico gera o Cristão genuíno, que tem como única norma de vida e con-

⁷ Citado por José Miguel García, *As Origens Históricas do Cristianismo*, Coimbra: Tenacitas, 2007, p. 27.

⁸ *Idem*, p. 28.

⁹ Rodrigo P. Silva, *Escavando a Verdade*, 2ª ed., Brasil: Casa Publicadora Brasileira, 2010, p. 17.

¹⁰ *Idem*, p. 148.

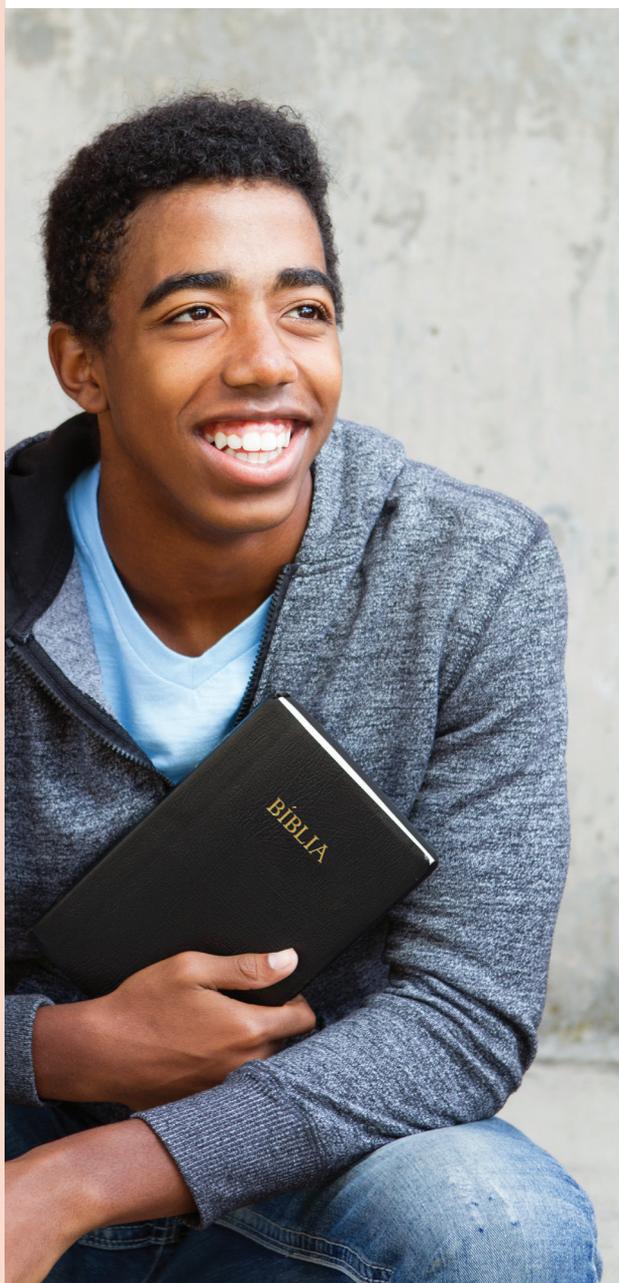
duta a Bíblia, a Palavra de Deus. Este cren-te não segue tradições religiosas de origem humana que se desviem da revelação divina. O Cristão autêntico vive e ensina apenas o que está escrito na Sagrada Escritura, única Norma de fé. A este propósito, já no primeiro século, aconselhou o apóstolo Paulo, ao escrever à igreja de Corinto: *“Para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapasseis o que está escrito”* (I Coríntios 4:6). E por que razão o apóstolo assim se expressou? Primeiramente, para contrariar, já no seu tempo, a proliferação de falsos ensinamentos acerca de um mesmo tema bíblico. Depois, para prevenir, quanto ao futuro, o surgimento de múltiplos ensinamentos com base na mesma Palavra de Deus.

Reforçando este conselho, o mesmo apóstolo, ao caracterizar duas comunidades religiosas, Tessalónica e Bereia, escreveu: *“Ora estes [os de Bereia] foram mais nobres do que os que estavam em Tessalónica, porque de bom grado receberam a palavra examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim”* (Atos dos Apóstolos 17:11). Mas que coisas? O que tinha sido ensinado e escutado como pretensão de ensino e verdade, pois deveriam ser confirmados pela única autoridade em matéria doutrinária – a Bíblia.

O Cristianismo, como afirma o límpido e genuíno ensino contido na Palavra de Deus, admoesta-nos de que, assim como há um só Deus, de igual modo, existe uma só Igreja verdadeira, a qual ensina e vive a única Verdade – Cristo. Foi isto que o Senhor Jesus Cristo disse: *“E elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor”* (João 10:16) – não uma miríade de Igrejas com outro tanto de pseudoverdades. Em reforço do que foi dito e como corolário das palavras do Senhor Jesus, o apóstolo Paulo expressou-se da mesma forma, mas por outras palavras, à igreja de Éfeso: *“Há um só corpo e um só Espírito (...)*

Um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus” (Efésios 4:4-6).

Convenhamos, se existe uma só Bíblia, por que razão existirão tantos ditos “Cristianismos”? É absurdo e incompreensível. O “Caminho” é único e só tem, de igual modo, um único Autor e uma única direção – Cristo. Sigamo-l’O, pois!



AUTOR	QUANDO FOI ESCRITO	CÓPIA MAIS ANTIGA QUE POSSUÍMOS	INTERVALO ENTRE O ORIGINAL E A CÓPIA MAIS ANTIGA QUE POSSUÍMOS	Nº DE CÓPIAS
Júlio César (Guerra Gaulesa)	100-44 a.C.	900 d.C.	1000 anos	10
Tito Lívio (Anais do Povo Romano)	59 a.C.-17 d.C.	300 d.C.	360 anos	20
Sófocles	496-406 a.C.	1000 d.C.	1400 anos	193
Platão (Tetralogias)	427-347 a.C.	900 d.C.	1200 anos	7
Tácito (Anais e Histórias)	100 d.C.	1100 d.C.	1000 anos	2
Heródoto (História)	480-400 a.C.	900 d.C.	1300 anos	8
Plínio, o moço (História)	61-113 d.C.	850 d.C.	750 anos	7
<i>Homero (A Ilíada)</i>	<i>900 a.C.</i>	<i>400 d.C.</i>	<i>1300 anos</i>	<i>643</i>
Demóstenes	383-322 a.C.	1100 d.C.	1400 anos	200
Aristóteles	384-322 a.C.	1100 d.C.	1400 anos	49
Suetónio (História)	75-160 d.C.	950 d.C.	800 anos	8
<i>Novo Testamento</i>	<i>50-100 d.C.</i>	<i>130 d.C.</i>	<i>Menos de 100 anos</i>	<i>>5300</i>



Ida Cooke e Robert Beers tiveram cinco filhos. O casal sofreu uma série de tragédias. Primeiro, a morte de um filho na infância. Outro filho, já na adolescência, após ter tido vários ataques de apoplexia, veio também a morrer. Um terceiro filho, Clifford, jovem recém-formado na Universidade de Yale (em 1897, na Sheffield Scientific School), horrorizado com o sucedido ao irmão, passou pelo primeiro episódio de psicose maníaco-depressiva, conhecida atualmente como transtorno bipolar. Outros dois filhos, depois de internamentos em asilos mentais e já como jovens adultos, cometeram suicídio. Dos cinco filhos, apenas Clifford viveu até aos 67 anos (1876-1943), apesar do sofrimento mental.

Clifford Whittingham Beers viveu oscilando entre a angústia e a depressão. Trabalhou cerca de três anos em Nova Iorque. Em junho de 1900 regressou a casa, onde tentou o suicídio, lançando-se da janela do quarto. Hospitalizado para recuperar, teve alucinações e ataques de paranoia. Durante três anos passou por várias instituições psiquiátricas privadas e estatais, onde sofreu

maus-tratos físicos e abusos devido aos tratamentos brutais e degradantes que eram a prática na época. Resolveu fazer campanha contra o estigma da doença mental e promover a saúde mental. Trabalhou na elaboração de um livro. Partilhou a sua luta e a sua vida, em 1908, na autobiografia *A Mind That Found Itself (Uma Mente que se Encontrou Consigo Mesma)*. O livro é, simultaneamente, um apelo à reforma dos cuidados de saúde mental e um contributo para o avanço das, então, novas Ciências da Psiquiatria e da Psicologia.

Nesta cruzada a bem da saúde psíquica, Clifford Beers teve o apoio do psiquiatra Adolf Meyer, do médico William H. Welch e do filósofo William James. Juntos fundaram a *Connecticut Society for Mental Hygiene (A Sociedade do Connecticut para a Higiene Mental)*, a fim de melhorar os padrões de cuidados e as atitudes para com os doentes mentais. Logo a seguir, em 1909, Clifford fundou a *Mental Health America (Saúde Mental Americana)*, a maior organização sem fins lucrativos nos EUA, que trabalha no desenvolvimento da saúde



de mental e no auxílio da prevenção contra as doenças mentais e a dependência química. Esta instituição também promove “*As Dez Ferramentas para Viver Bem*”, que são conselhos simples, baseados em ampla evidência científica, para todos os que desejam desfrutar de boa saúde física e mental:

1. Relacione-se com os outros.
2. Mantenha o pensamento positivo.
3. Mantenha-se fisicamente ativo.
4. Ajude o próximo.
5. Durma o suficiente.
6. Desenvolva um ambiente de alegria e de satisfação.
7. Alimente-se bem.
8. Cuide da sua espiritualidade.
9. Procure lidar melhor com os momentos difíceis.
10. Peça ajuda profissional, se necessário.

Estas “Dez Ferramentas” (ver Julián Melgosa, *Crer Faz Bem*, Tatuí, SP: CPB, 2015, pp. 7 e 8) são totalmente compatíveis com a vivência cristã e estão implícitas nos princípios bíblicos fundamentais para um estilo de vida saudável. Hoje, sabe-se cientificamente das vantagens de prati-

A pessoa de fé será capaz de enfrentar a vida com muito menos ansiedade, medo e incerteza do que outra pessoa sem fé.

car uma alimentação saudável, de realizar exercício físico, de ter uma interação positiva com os outros, do otimismo, de ter uma perspectiva de vida com esperança, da nutrição espiritual e da disposição para aceitar a intervenção divina nos bons e maus momentos da vida.

Nas últimas três décadas, verificou-se um tremendo crescimento nas pesquisas acadêmicas acerca do papel do envolvimento religioso na prevenção, no controle e no tratamento das doenças físicas e mentais. Estudos médicos e psicológicos têm demonstrado que a prática da religião é um fator muito importante para manter as pessoas confiantes, animadas, com um índice elevado de esperança e a convicção de um propósito e de um sentido para a vida. Isto traduz-se, na prática, por boa saúde, por felicidade e por bem-estar.

Pode, então, perguntar-se: De que maneira a religião pode ajudar? *A religião dá respostas para os problemas existenciais: Qual a origem do Universo e da Terra? Qual é o propósito da vida e da minha existência? O que acontece depois da morte? Como devo relacionar-me com os outros seres humanos?*

Ora, a religião, nomeadamente o Cristianismo, através da revelação dada por Deus na Bíblia, fornece as melhores respostas a essas questões fundamentais. A pessoa de fé será capaz de enfrentar a vida com muito menos ansiedade, medo e incerteza do que outra pessoa sem fé. O Cristianismo, através da Bíblia, apresenta diretrizes que definem o que



é apropriado ou não. Essas diretrizes não diminuem a liberdade, pelo contrário, estabelecem limites razoáveis que podem proporcionar saúde, proteção, tranquilidade, segurança, confiança e esperança para o crente.

É necessário notar que a vida religiosa não garante ou imuniza as pessoas contra a dor ou o sofrimento. Porém, oferece meios que ajudam a edificar a fé, vivendo-se ligado a Deus pela oração, mantendo-se a confiança na Providência divina, sobretudo em circunstâncias adversas. Pelo estudo e pela meditação da Palavra de Deus, o crente pode compreender que *“tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus”* (Romanos 8:28). Assim, pela aceitação da vontade divina, o crente está mais bem equipado para aceitar as realidades que se apresentam como negativas e as complexidades da vida. A Bíblia pode prover orientações simples, mas de profundo significado, e objetivos que ajudem a encontrar soluções bem estruturadas para os problemas da vida.

Ao revelar os Seus planos aos seres humanos, Deus dá-lhes informação e conhecimento para que estejam preparados para enfrentar o futuro sem receio, nem ansiedade, mas com confiança no amor, na fidelidade e no poder do Pai que está nos Céus (Amós 3:7).

Devemos estar gratos a Clifford Beers por ter sido, de certa forma, pioneiro na

iniciativa de enfrentar o estigma da doença mental. Através da partilha da sua experiência real e dolorosa, permitiu que se abrissem portas à investigação científica, para perceber a relação da fé com a saúde física e mental.

Voltaremos a este tema das pesquisas que comprovam as vantagens e os benefícios de desenvolver uma espiritualidade cristã fundada na Bíblia. Notar-se-á que em vez de ser “o ópio do povo”, o Cristianismo oferece uma infinidade de benefícios para todos os que decidem confiar em Deus e seguir a Sua orientação.

*“Confia no SENHOR de todo o teu coração:
Não te fies na tua própria inteligência.
Apoia-te no SENHOR
em tudo o que emprenderes
E ele te mostrará como debes agir.
Não sejas sábio aos teus próprios olhos;
Respeita o SENHOR e afasta-te do mal.
Isso será saúde para o teu corpo
E vigor para os teus ossos”*
(Provérbios 3:5-8). ▢



NOTA: Para mais detalhes, ver Julián Melgosa, *Crer Faz Bem*, Tatuí, SP: CPB, 2015, pp. 4-10.

MAIS PLÁSTICO DO QUE PEIXES NO MAR

Os estudos afirmam que *os Oceanos recebem 25 milhões de toneladas de lixo bruto por ano*. Destes, *oito milhões de toneladas de lixo são plástico* lançado, queimado ou arrastado para os mares. Para se ter uma ideia, essa quantidade poderia cobrir 34 vezes toda a área da Ilha de Manhattan (59,1Km²), em Nova Iorque, com uma camada de lixo até à altura dos joelhos de uma pessoa. Isto representaria uma superfície total de 2009,4Km² com lixo pelos joelhos. Segundo a ONU, *60% a 80% de todo o lixo no mar é plástico*. *E... até 2050 poderá haver mais plástico do que peixes no mar.*

Antonis Mavropoulos, presidente da ISWA – Associação Internacional de Resíduos Sólidos, afirmou: “*O lixo no ambiente marinho já é um desafio global semelhante às mudanças climáticas*. E o problema, que vai muito além daquilo que é visível, está presente em quase todas as áreas costeiras do mundo, trazendo desequilíbrio para a fauna e flora marinhas e comprometendo esse recurso vital para a Humanidade.”

Na realidade, não se sabe com rigor a quantidade total de plástico existente hoje no Oceano. Não é apenas aquele que é encontrado nos litorais, nas praias ou na superfície das águas. Grandes quantidades

de resíduos estão escondidas no fundo dos Oceanos ou fragmentadas em pedaços tão pequenos que não são captadas pelas análises convencionais. Essas partículas estão a ser ingeridas pelos animais marinhos, provocando-lhes a morte.

As 20 nações que despejam as maiores quantidades de lixo nos mares seriam responsáveis por 83% do plástico que entra nos Oceanos. A China ocupa o topo da lista, produzindo mais de um milhão de toneladas. Os Estados Unidos da América ficaram no 20º lugar e a União Europeia, analisada em bloco, ocupa o 18º lugar na lista.

SOLUÇÕES Os estudos recomendam que *as nações ricas precisam de reduzir o seu consumo de produtos descartáveis e embalagens de plástico*. Já *os países em desenvolvimento têm que melhorar o tratamento do lixo*. Os pesquisadores e cientistas estimam que a quantidade de plástico lançada anualmente nos mares pode atingir os 17,5 milhões de toneladas até 2025. Isto significa que, até lá, mais 155 milhões de toneladas de plástico chegarão aos Oceanos.

Sabe-se que não é possível limpar o plástico dos Oceanos, que têm uma profundidade média de 4,2 mil metros. Por isso, para já, a única solução é impedir que o plástico chegue aos mares. Afinal, há estudos sérios a avisar que, se nada for feito, *em 2050 vai haver mais plástico do que peixe nos Oceanos.* □

UM MILHÃO DE TÊNIS FEITOS COM PLÁSTICO do OCEANO



≈ Ezequiel Quintino

A decisão da *Adidas* de trabalhar contra a poluição do meio ambiente tem resultados positivos. Esta empresa de roupas e calçado desportivos anunciou que já vendeu um milhão de pares de tênis fabricados com plástico retirado de praias e litorais.

Para fabricar cada par de tênis foram necessárias 11 garrafas de plástico. Portanto, com os tênis fabricados e vendidos até agora já foram recuperadas do meio ambiente, pelo menos, o equivalente a 11 milhões de garrafas de plástico.

Todo o plástico foi recolhido em praias e litorais ao redor do mundo, antes que esses desperdícios invadissem os mares. Este meritório trabalho foi executado por funcionários da organização ambiental *Parley for the Oceans*, em parceria com a marca desportiva *Adidas*.

Tanto a *Parley* como a *Adidas* desenvolvem programas conjuntos que incentivam os consumidores a devolver os produtos de plástico usados com o objetivo de manter o plástico num ciclo fechado. Por esta razão também, a *Parley* estabeleceu em áreas remotas sistemas de intercepção do desperdício de plástico. Evita-se, desta forma, que o plástico abandonado termine



em aterros sanitários, queimado, enterrado ou lançado em rios ou Oceanos.

A organização ambiental não considera a reciclagem como a solução definitiva para a poluição através do plástico. Contudo, o seu objetivo imediato é manter o plástico que já foi produzido em uso e, assim, reduzir a necessidade de plástico virgem novo.

Entretanto, a *Adidas* comunicou que começou a vender, em 2017, três versões dos tênis de plástico reciclado *Ultra BOOST*, para bem do nosso ambiente.

Este trabalho de recuperação de plástico dos mares é meritório. Talvez represente apenas “uma gota de água no Oceano”... mas vale a pena para conscientizar e estimular a imitação do que é positivo... para bem de todos. ▢



RETRADO DE WWW.SONOTICAROA.COM.BR/2018/03/15/ADIDAS-VENDE-1-MILHAO-TENIS-FEITOS-COM-PLASTICO-OCEANO
IMAGENS: WWW.ADIDAS.COM/US/PARLEY?GRID=TRUE&CM_SP=SL0T-8_PARLEY_ADIDASPARLEY_HOME_-FEATURE_FROM_THREAT_-CTA-SHOP-ALL-PARLEY-PRODUCTS.

O QUE DISSE JESUS SOBRE A DATA DO SEU REGRESSO?



Clifford Goldstein

Pastor

Para muitos Cristãos, a questão da Segunda Vinda não é um “se”, mas um “quando”. No entanto, é precisamente este “quando” – ou, mais precisamente, a especulação sobre este “quando” – que cria um certo ceticismo sobre a certeza da ocorrência do próprio evento.

De facto, nas décadas recentes, uma quantidade incrível de sensacionalismo e de excitação tem procedido das Igrejas cristãs no que diz respeito à data da Segunda Vinda. Milhões de livros têm sido vendidos defendendo várias datas – 1978, 1982, 1990, 1996, 1999, 2000, 2007 – quer para a própria Segunda Vinda, quer para eventos significativos que conduzirão à Segunda Vinda.

Contudo, toda esta especulação anestesias a sensibilidade das pessoas no tocante à promessa do regresso de Cristo. Ao ouvirem estas predições repetidamente, apenas para verem o embaraço dos seus proponentes quando tais predições falham, as pessoas deixam de escutar. É pena, pois Jesus

irá regressar e, quando Ele o fizer, apenas aqueles que se prepararam estarão prontos para se encontrarem com Ele. Mas quem se preparará, se tiver fechado os seus ouvidos à promessa desse regresso por causa de todas as “profecias” falhadas?

“Porém, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai” (Mateus 24:36).

O que é especialmente irônico é que a incerteza acerca do tempo do regresso de Cristo é um elemento crucial que ajuda as pessoas a prepararem-se para se encontrarem com Ele quando vier. Assim, quando os Cristãos anulam essa incerteza, ao estabelecerem datas para o regresso de Cristo, estão a contrariar uma das facetas-chave que os ajudam a prepararem-se para esse regresso.

NAS PRÓPRIAS PALAVRAS DE JESUS

Primeiro, leiamos o que o próprio Jesus tem a dizer acerca do tempo da Segunda Vinda:

– *“Porém, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai”* (Mateus 24:36).

– *“Por isso, estai vós apercebidos, também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis”* (Mateus 24:44).

– *“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir”* (Mateus 25:13).

– *“Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo”* (Marcos 13:33).

É difícil imaginar como é que Jesus poderia ter sido mais claro: nós não saberemos antecipadamente o tempo do Seu regresso. Sim, haverá sinais; sim, vários eventos alertam-nos para o Seu regresso iminente; sim, devemos estar preparados (veja Marcos 13:7-10; Lucas 21:28). Mas estas coisas não são o mesmo do que especular acerca do dia e da hora do regresso de Jesus. Ninguém sabe senão o Pai, disse Jesus – e nós compreendemos que “nin-



guém” inclui todos aqueles que ainda estão a avançar datas para predizer quando Ele voltará. As próprias palavras de Jesus deveriam levar-nos a rejeitarmos toda a especulação que conduz à marcação de datas para a Segunda Vinda.

No entanto, há uma outra razão, talvez ainda mais importante, para evitarmos este tipo de especulação, e ela encontra-se nas palavras de Cristo sobre o Segundo Advento. Nestes discursos, Ele não fala apenas acerca de sinais – guerras, rumores de guerras, terremotos, etc. – mas também discorre sobre como podemos estar preparados para o Seu regresso. E eis a ironia: a incerteza sobre a data do evento é um meio de ajudar as pessoas a prepararem-se para ele!

Jesus disse: *“É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela*



manhã. Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E, as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai” (Marcos 13:34-37).

Jesus compara a Sua partida da Terra com a saída de alguém que, indo viajar, deixa a sua propriedade nas mãos dos seus servos. Note que o senhor não diz “voltarei dentro de três meses” ou “dentro de seis meses” ou “dentro de dez anos”. Porque não? Porque o senhor não sabe? Isso é possível, pelo menos na parábola. Mas o Pai conhece a data do regresso de Jesus. Ele simplesmente não nos comunicou essa data.

Porquê? A chave é a preparação. O Senhor quer que estejamos sempre preparados, em todo o tempo. E enquanto crermos que Ele pode voltar a qualquer momento, especialmente nos momentos mais próximos, estaremos mais inclinados para estarmos sempre prontos. É porque os servos não sabem quando o senhor regressará que Ele lhes diz: “Vigiai, pois.” Se eles soubessem, com toda a certeza quando o senhor viria, porque se preocupariam em vigiar até essa data?

PRONTOS AGORA

Suponha que aqueles que viveram há 100, há 200 ou, mesmo, há 500 anos soubessem que passaria o ano 2017 sem que Jesus regressasse. Como seria fácil eles caírem numa letargia espiritual ou, mesmo, no pecado e na autoindulgência, porque a Segunda Vinda estava ainda tão longe. Jesus contou uma parábola nesse sentido, sobre um servo que, acreditando que o seu senhor tinha adiado o seu regresso, começou a maltratar os outros servos e “a comer, e a beber e a embriagar-se” (Lucas 12:45). Tudo isto aconteceu precisamente porque o servo pensou que o regresso do senhor estava ainda muito distante. Se, no entanto, ele tivesse pensado que o seu senhor poderia regressar a qualquer momento, poderia ter agido de modo diferente.

Assim, mantendo a data secreta, Jesus estabeleceu um dispositivo que ajuda a conservar sempre atentos aqueles que estão a aguardar o Seu regresso. “*Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã. Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo*” (Marcos 13:35 e 36). Porque – como o servo – nós não sabemos, nunca devemos estar adormecidos. Ao dizer-nos especificamente que não sabemos quando Ele irá regressar, Jesus criou uma situação que deveria levar todos os que O amam a estarem constantemente preparados.

Em resumo, parece que a coisa mais importante que Jesus fez para nos preparar para o fim dos tempos encontra-se naquilo que Ele *não* nos disse – isto é, a data do Seu regresso. E, no entanto, isso mesmo diz muito sobre como nos devemos preparar. Porque nós não sabemos e porque a Segunda Vinda pode acontecer hoje, amanhã ou no próximo ano, devemos estar prontos a cada momento! ▢



A Bíblia

1. É o Livro da Divindade

a) O Espírito Santo é o único Autor

“Pois nunca uma mensagem profética veio por iniciativa humana, mas porque (certos) homens, guiados pelo Espírito Santo, falaram da parte de Deus.” [II PEDRO 1:21.]

b) Deus diz-nos as Suas intenções

“O SENHOR Deus não faz nada sem primeiro revelar os seus planos aos seus servos, os profetas.” [AMÓS 3:7.]

c) Jesus – A máxima Revelação

“Nos tempos antigos, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados pelos profetas. Mas agora, que o fim está perto, falou-nos por meio do seu Filho. Foi por meio dele que Deus criou o universo e a ele destinou como herança todas as coisas.” [HEBREUS 1:1 E 2.]

2. O Seu Objetivo

a) É a Verdade imutável

“Toda a tua Palavra é verdade e todos os teus mandamentos justos são eternos.” [SALMO 119:160.]; “A erva seca e a flor cai, mas a Palavra do nosso Deus permanece para

sempre.” [ISAÍAS 40:8.]; “[Jesus diz:] Santifica-os pela verdade; a tua Palavra é a verdade.” [JOÃO 17:17.]

b) Para a vida diária *“A tua Palavra é uma lâmpada para os meus pés e uma luz para o meu caminho.” [SALMO 119:105.]*

c) Para ensinar a Salvação *“Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras. Sabes que elas podem dar-te a sabedoria que leva à salvação, pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e serve para ensinar, convencer, corrigir e educar, segundo a vontade de Deus.” [II TIMÓTEO 3:15-17.]*

d) Para viver eternamente *“E a vida eterna consiste em conhecerem-te como único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” [JOÃO 17:3.]; “Jesus fez ainda diante dos discípulos muitos outros milagres que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida no seu nome.” [JOÃO 20:30 E 31.]*

3. A nossa atitude para com a Bíblia

a) Lê-la e estudá-la “[Jesus disse:] *Estudam as Escrituras com muita atenção e julgam encontrar nelas a vida eterna. E são elas mesmas que dão testemunho de mim.*” [JOÃO 5:39.]

b) Estudá-la por temas é o melhor método “Portanto, quando falamos, usamos palavras ensinadas pelo Espírito de Deus e não palavras ensinadas pela sabedoria humana. Comparando coisas espirituais com espirituais.” [I CORÍNTIOS 2:13.]; “Porque é norma sobre norma, norma e mais norma; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali.” [ISAÍAS 28:10.]

c) Para conhecer a vontade de Deus “Prepara-te para te apresentares diante de Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que conhece bem a Palavra da verdade.” [II TIMÓTEO 2:15.]; “Continuem a progredir na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada glória agora e para sempre. Amén!” [II PEDRO 3:18.] ▢

**“Assim diz o SENHOR:
não se orgulhe o sábio
na sua sabedoria,
nem o forte na sua
força, nem o rico
nas suas riquezas.
Mas, quem quiser
envaidecer-se, faça-o
nisto: em me conhecer
e compreender que eu
Sou o SENHOR, que
exerço misericórdia
e faço o que é justo
e reto no mundo.”
(Jeremias 9:23 e 24.)**



HopeBíblia

CURSOS BÍBLICOS GRATUITOS ONLINE



ESPIRITUALIDADE

A Fé de Jesus

Curso para iniciação ao estudo das Sagradas Escrituras.



Luz para o Meu Caminho

Guia de estudos bíblicos sobre diferentes assuntos e temáticas.



Força para Viver

Curso bíblico de orientação e aconselhamento pessoal e familiar para uma vida com sentido.



JOVENS

A Bíblia Ensina

Estudos bíblicos para jovens, individualmente ou em grupo.



FAMÍLIA

Construir em Amor

Estudos de orientação e reflexão para uma vida familiar plena.



SAÚDE

Saúde 4

Estudos para uma melhor saúde global.



hopechannel.pt/biblia

[Assista a qualquer um destes cursos de forma gratuita na Internet]

ligue **213 140 166** ou envie um email para **geral@hopechannel.pt**
[Para mais informações]